REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)....	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

24.º Anno — XXIV Volume — N.º 806

20 DE MAIO DE 1901

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.— Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

CHRONICA OCCIDENTAL

ARTHUR NIKISCH

Maio esplendido.

E foi n'um d'estes dias maravilhosos, quando flores e aves, brisas perfumadas e sol radiante, cantam hymnos de amor, que, apinhadas as galerias quentes como estufas, a questão se levantou.

As mãos dos braços, que tanto tempo estiveram abertos, metteram-se nas algibeiras.

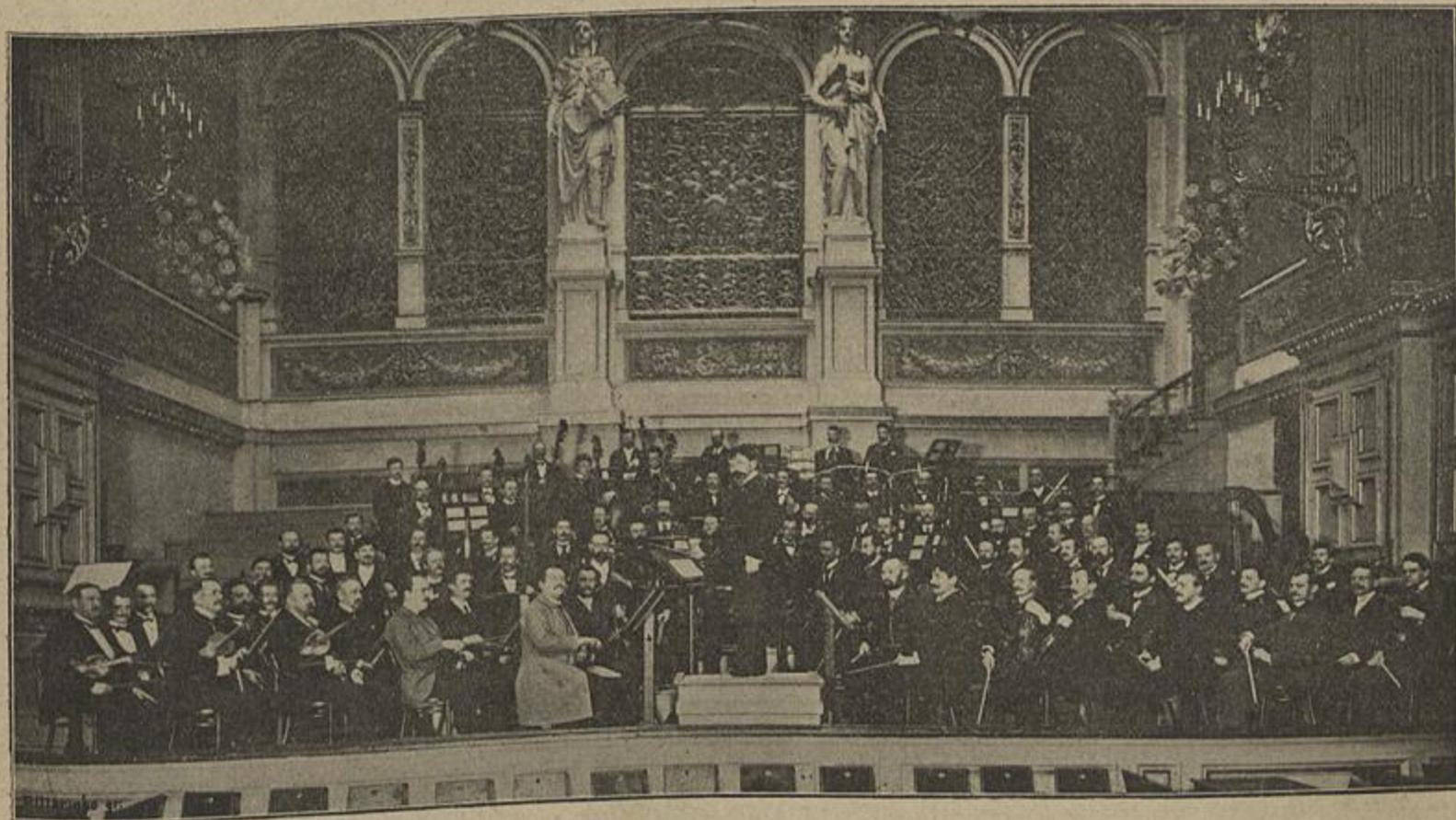
Amigos, amigos, negocios áparte. Era um velho dictado. Foi modificado pelo sr. Hintze Ribeiro, quando respondeu ao sr. Malheiro Reimão, antigo regenerador, que falara contra um projecto apresentado pelo governo. A resposta do sr. Presidente do Conselho resume-se em poucas palavras: —Negocios áparte?... Não é d'amigos.

E eis como os srs. Hintze e João Franco estão definitivamente separados.

Primavera! Primavera!... Toda a santissima natureza respira paz e alegria. Quinta feira foi a festa da espiga. Era uma rapariga ajoelhar, fosse onde fosse, por esses campos, e levantar-se com um braçado de flores, de mil côres vivissimas, malmequeres brancos, botões d'oiro, papoilas vermelhas, lyrios rôxos, pequeninos miosotis tão azues como o céo radiante. Vôam borboletas aos pares sobre as ondas das seáras. Cantam os tentilhões e os melros ainda não vem nascendo a manhã; é sol posto e ainda lá muito em cima, que mal a vista a enxerga, cantam, cantam as cotovias.

A harmonia seria universal, se não houvesse homens na terra, se os não separasse a politica... e o mais que sempre os separa.

Estavam de dia apinhadas as galerias e ali na Avenida era a exposição das rosas; estavam á noite apinhadas as galerias e no theatro D. Amelia despedia-se do publico de Lisboa a encantadora Mariette Sully!

O sol é assim como o vinho, que a cada cabeça sobe por caminhos differentes e por lá se revolve sempre variado. Eu creio que na primavera, homens e mulheres, velhos e novos, ricos e pobres, ninguem está no seu juizo completo. Não se dá muito por isso, porque o bem é geral. Ha um estonteamentosinho, um fumo de essencia subtil, que penetra até o mais recondito centro de cada cerebro. Raciocina-se menos, idealisa-se mais, sente-se mais poderosamente. Ha tambem quem tenha o sol máo, mas passa-lhe depressa.

REAL THEATRO DE S. CARLOS — A ORCHESTRA PHILARMONICA DE BERLIM

E' que tudo é bello, e não ha bêco onde não entre um raio de luz, onde não penetre um bafo de vento que atravessasse uma vinha florida, que beijasse umas verbenas, que tocasse com as azas n'um roseiral.

Primavera! Primavera!

Esteve uns dias aberta a mais linda exposição de rosas que se tenha realisado em Lisboa. Concorreram a ella a Escola Polytechnica, Camara Municipal, e os srs. Duque de Palmella, Condes de Azambuja e de Burnay, commendador Almeida Lima, Manuel Affonso dos Santos e muitos outros, proprietarios de jardins e amadores da que foi e ha de ser rainha das flores para sempre.

O primeiro premio de primeira classe foi ganho pelo sr. Henri Cayeux, chefe dos jardineiros da Escola Polytechnica, pela sua nova rosa *Luiz de Sommer*.

Estamos em pleno verão. Dentro em pouco, toda a sociedade elegante fugiu de Lisboa por todas essas linhas que rapidamente a leva para Cintra, para as thermas, para o estrangeiro.

Seu ultimo ponto de reunião foi no theatro D. Amelia, quando com *La Cigale et la Fourmi* se despediu de nós a gentilissima Mariette Sully, uma das melhores (senão a melhor) cantoras de operetta franceza que tenha vindo a Portugal.

Houve recitas que ficarão lembradas, sobretudo as de *Véronique* e de *La Poupée*.

Dentro de um mez, os theatros em sua maior parte estarão fechados e os emprezarios e actores, que tambem no verão tem familia a que devem dar de comer, põem-se em campo atraz de quem lhe offereça uma boa idéa.

Entretanto ainda um espectaculo houve de sensação. Para um fim altamente sympathico e com a assistencia da familia real e da melhor sociedade de Lisboa, por um grupo de distinctissimos curiosos, muitos dos quaes revelaram verdadeiro talento scenico, foram no theatro de D. Maria, entre os maiores applausos, representadas duas comedias do sr. Illydio Amado, uma n'um acto, *O Perfil*, outra em tres actos, *Por Bem*. O theatro estava simples, mas muito artisticamente ornamentado, pelo sr. visconde de Sacavem.

Em theatros tudo agora são despedidas. O campo a todos convida, com suas fresquissimas sombras de ulmeiros, tilias e freixos, com seus canteiros profusamente floridos, com os cantares de suas fontes.

Os que não puderem partir contentam-se com ir para um banco da Avenida, emquanto os pardaes chilreiam e o homem das regas atira para longe o grande penacho d'agua iriada, e ali sentados, d'olhos cerrados, sonhem. E, se querem um bello sonho, folheiem, emquanto o sol vae descendo e se vão calando os murmurios da cidade, o livro agora apparecido, traducção primorosa, que Joaquim Coelho de Carvalho fez das encantadoras Eclogas de Virgilio.

E' aproveitar emquanto é tempo. As arvores estão lindas. Um dia d'estes, qualquer proprietario influente vae queixar-se de que lhe tiram a vista.

Já nos ameaçam a transformação da casa do Marquez da Foz e talvez novas construcções no jardim. A idéa por alguns apresentada para a compra do palacio, talvez o mais bello de Lisboa, que deveria ser feita pelo governo, não teve talvez na opinião publica o apoio que merecia. Menos ainda alguns haviam pedido, mas nem tanto foi possivel obter-se. Tornaram a passar a fronteira muitos objectos d'arte maravilhosa, alguns dos quaes reuniam á sua riqueza artistica altissimo valor historico. Citemos como exemplo o relicario offerecido pelo Papa Innocencio XI á Rainha d'Inglaterra, D. Catharina, e por esta legado ao glorioso Conde de Castel-Melhor.

E' no entanto innegavel que o amor pela arte, —não como devia talvez, mas emfim alguma cousa—se tem n'estes ultimos annos desenvolvido em Portugal.

Basta-nos para isso percorrer a exposição da Sociedade Nacional de Bellas-Artes e comparal-a com as primeiras exposições do Grupo Leão, comparar sobretudo os preços, ainda bem mesquinhos, por que hoje os artistas portuguezes vendem os seus quadros e lembrarmo-nos do assombro produzido pelo primeiro que se lembrou de pedir pelo trabalho de muitos mezes umas centenas de mil reis.

Da rapida visita, que mal pudémos fazer ás sallas da Academia, retirámos com uma impressão muito agradavel. Os mestres pouco apparecem. Columbano por junto apresenta-nos um desenho. Mas, em compensação, muitos dos novos dão-nos as mais fundadas esperanças de que a arte continue caminhando e tendo alguns dignos representantes em Portugal.

Antonio Ramalho, Gyrão e José Malhôa são dos consagrados os que mais ostensivamente se fazem representar, quer pelo numero, quer pela importancia de seus quadros.

Ramalho, entre outras demonstrações de seu alto valor, dá-nos uma curiosa collecção de desenhos representando o actor Ferreira da Silva em differentes papeis desempenhados no theatro de D. Maria. Magnifico o seu retrato a oleo.

Malhôa expõe alguns retratos excellentes. Em sua honra, festejando o exito obtido pelo nosso patricio na exposição de Madrid, foi-lhe, ha dias, offerecido um jantar pelos socios da Academia de Bellas Artes. Foram convidados os srs. José Relvas, Raphael Bordallo Pinheiro, João Vaz, Columbano, Plantier, Salgado, Rosendo Carvalheira, Joaquim Malhôa, etc., que todos brindaram com enthusiasmo ao que tão gloriosamente, em terra que tanto preza a arte, elevou o nome de Portugal. Percorrendo as salas da nossa exposição, encontramos sempre Malhôa salientando-se entre os primeiros.

Gyrão figura com tres quadros: *A mãe*, *Em familia*, e *Frente a frente*. Deliciosos.

Salgado apresenta muito menos quadros do que em outras exposições. Só como pequena nota diremos que o estudo para o retrato de El-rei é uma bellissima composição.

El-rei expõe dois pasteis, um dos quaes pertencentes á Assistencia Nacional aos Tuberculosos: *Antes da caçada (Alemtejo)* primorosamente composto, a *Praia de Adraga*, mais uma marinha, em que se mostra, como sempre n'este genero, artista de incontestavel valor.

Inaugurou a Sociedade Nacional de Bellas Artes uma nova secção a que chamou d'arte applicada que, segundo o programma, pode ser constituida por: «filigranas, esmaltes, prata e oiro lavrado ou cinzelado, ferro forjado, bronzes cinzelados, marcenaria, obras de talhas, embutidos, ceramica ornamental, pintura em azulejos, trabalhos de gravura e relevo em côiro, reproducções lithographicas de obras d'arte, vitraes, encadernações, rendas, tapessaria, etc., etc.»

Entre os muitos exemplares expostos n'esta nova secção chamaram mais que todos a curiosidade os lindissimos trabalhos de ourivesaria da casa Leitão e sobretudo as filigranas e o formosissimo jarro de prata.

N'uma sala especial foram religiosamente reunidas noventa e tres composições do fallecido professor da Academia, José Ferreira Chaves, muitos retratos, flores, algumas paizagens e quadrinhos de genero.

A intenção era boa, o resultado foi aquelle que se desejava. Nunca Silva Porto nos pareceu tamanho artista, como quando, n'uma d'aquellas salas tambem, vimos reunida a mais valiosa parte da sua obra. Para bem avaliarmos uma obra d'arte, precisamos conhecer o artista e apenas pela sua obra poderemos conhecel-o.

O sr. Augusto Fuschini, fazendo o esboço biographico do fallecido professor, escreve:

«A collecção completa dos quadros de Ferreira Chaves não é muito grande. O mestre portuguez produziu relativamente pouco. Não admira, nunca foi de molde para desenvolver trabalho e competencia o nosso *meio* artistico.

Entre nós foi sempre acerba a critica, como se os artistas se reproduzissem tanto que estivesse indicada a selecção! A nossa critica em geral não acalenta nem incita, não sei porquê, entristece e desanima. Feitios...

Além d'isso, a falta de protecção faz considerar entre nós a arte como meio seguro de viver de gloria, quando a concedem, e de morrer de fome. As fortunas particulares são pequenas, duvidoso o gosto, porque a educação publica e particular n'este sentido é assaz incompleta. O Estado não tem recursos, e os nossos artistas á força de desenvolverem certas faculdades intellectuaes, deixaram atrophiar as estheticas. Por tudo isto, os artistas portuguezes, em regra, pensando na arte, teem egualmente de cuidar da vida.»

E agora aqui teem o motivo porque Ferreira Chaves que se nos revela um artista era tambem .. da repartição de contabilidade da Camara Municipal.

São de toda a verdade as palavras que o sr. Fuschini escreve, verdade o que diz do Estado, verdade o que diz da critica.

Muita honradez, superior intelligencia, não são dotes vulgares; entretanto são essenciaes n'aquelles, que sentem a necessidade de virem definir ao publico a obra dos outros Houvera ao menos sempre a sinceridade d'uma alma boa, estou certo de que a maior parte dos artistas com esse pouco se contentava.

Ha poucos dias morreu em Lisboa, inesperadamente, um jornalista, cuja maior virtude era a bondade. Alma sempre inclinada para o bem, exercia o seu logar, procurando ser benevolo, agradavel sempre para aquelles a cujo trabalho tinha de referir-se. Muita vez o ouvimos falar e inspiravanos a maior sympathia ver como as qualidades boas de seu caracter em seu espirito se reflectiam luminosas. Morreu, e quantos o conheceram choraram por elle. Deixou um bello exemplo.

Fomos amigo de Augusto Peixoto e muitas finezas lhe devemos. Pouco tempo antes da sua morte, fizemos juntos uma curta viagem na linha de Cascaes. Falamos de Paris d'onde elle voltára, havia pouco, encantado. Mal sabia elle para que viagem se despedia de mim n'aquella tarde.

A' redacção do *Seculo*, mais uma vez endereçamos a expressão dos nossos pezames.

João da Camara.

CONCESSÕES DE TERRENOS NO ULTRAMAR

(Continuado do numero antecedente)

A Camara tem a ideia justa de um praso da corôa. É grande extensão de terra, que se arrenda a quem cobra o *mussôco*. Este é a capitação que os indigenas estão acostumados a pagar de ha muito; e é paga ao arrendatario. Mas a lei estabelece que metade della seja satisfeita em serviços agricolas, a outra em dinheiro ao tomador do praso. De modo que este se vê obrigado á cultura, e tem braços para isso, porque o indigena, para satisfazer sua capitação, tem de trabalhar; e d'esta sorte se procede ao cultivo do terreno, que é o que a lei deseja, porquanto, mais tarde, volvidos 25 annos, cae o Estado sobre os dominios assim creados e suas installações, com o imposto geral, lucrando-se aqui duas cousas: — alcançarem, depois d'aquelle espaço de tempo, a propriedade perfeita os particulares, e, sobre os novos valores incidir o imposto, crescendo d'esta maneira os rendimentos da provincia, e portanto da nação.

Assim, resumindo, direi: — a actual proposta não só vae de accôrdo com os intuitos da moderna legislação, e com os de parlamentares illustres que sobre o assumpto discorreram e escreveram, mas vae egualmente de accôrdo com a tradição da Africa, pois essa tradição vem do tempo dos sultanados arabes, que d'est'arte tinham o regimen d'aquelles povos.

Pelo que, torno a repetir, não vejo por onde possa ser atacada esta proposta do governo. O estabelecimento da *hasta publica* para os aforamentos está já na lei de 21 d'Agosto de 1856, que assentou em geral tal principio para a concessão de grandes tratos de terra; está na proposta de lei de 30 de Junho de 1897, que consagra o mesmo principio para as concessões a colonias de exploração e plantação; está no decreto de 18 de Novembro de 1890, do sr. Antonio Ennes, que o estabelece para o arrendatario dos prasos da corôa; está nos ultimos e melhores livros de publicistas eminentes, que affirmam ser elle o mais proveitoso para as colonias que se formam com o fim de cultura e exportação dos generos ricos.

O sr. ministro da Marinha ampliou aquelle preceito a todas as concessões; e procedeu bem, porque é um principio liberal, e que, devidamente acautelado, deve persistir na lei, pois acaba de vez com a maledicencia publica, que, por deprimir a auctoridade moral de um governo, ou até só por dizer mal, quer sempre ver num ministro o compadre do concessionario.

III

Sr. presidente, todos os trabalhos legaes ou administrativos em favor da Africa, são necessarios, são urgentes; mas, não podemos consumir em discussões o tempo, que vae fugindo, e é indispensavel para a acção. Diz um notavel historiador, que ao invadiram os barbaros o imperio de Byzancio, ainda os senadores estavam discutindo; viam-nos chegar; crescer na crista dos montes que dominavam o senado, e elles discorriam serenos, enlevados na eloquencia de sua palavra, sem olhos para o imperio que ia morrer! O mesmo direi agora.

Quer a Camara saber uma verdade? É a seguinte, e vem nos documentos officiaes. A tal ou qual attenção, que, depois de 1852 se tem dado á Africa, não esquecendo a carta de lei de 29 de Abril de 1875, que ali por termo aos ultimos restos da escravidão, e o decreto de 21 de Novembro de 1878, que é o regulamento geral do trabalho naquelles nossos dominios, — essa tal ou qual attenção, repito, tem-na feito prosperar.

No orçamento apresentado ás côrtes em 22 de Julho de 1852, o rendimento da provincia de Mo-

çambique para o anno economico de 1852-1853, é calculado em 82:170$731 réis, sendo:

Impostos directos........	5:804$878
Impostos indirectos......	69:634$146
Proprios e diversos rendimentos................	6.731$707
ou réis	82:170$731

No orçamento para 1900-1901, o rendimento é calculado em 2.837:545$404 réis, sendo:

Impostos directos......	895:813$347
Impostos indirectos....	1.122:734$903
Proprios e diversos rendimentos	818:997$154
ou réis	2.837:545$404

Ácerca da provincia de Angola, e consultando os mesmos documentos officiaes, vê-se que o rendimento calculado para o anno de 1852-1853 é de réis.......... .... 237:570$990

Cincoenta annos depois, no orçamento para 1900-1901, o rendimento calculado sobe a réis.......................... 1.781:399$665

Assim, mostra-se que na provincia oriental, a de Moçambique, o rendimento elevou-se, no praso de 50 annos, de 82 contos a 3:000 approximadamente; na de Angola, na occidental, e no mesmo periodo de tempo, subiu de 237 contos a quasi 2:000!

Este resultado é devido certamente á melhor administração inaugurada nas colonias, ás concessões de terrenos, ás companhias constituidas, e aos caminhos de ferro que já funccionam, o de Ambaca e o de Lourenço Marques. E para se ver quanto as linhas ferreas teem contribuido para essa tal ou qual prosperidade, citaremos o rendimento da Alfandega de Lourenço Marques.

Em 1854-1855 (primeiro anno de que se encontra estatistica), a sua receita foi tão sómente de 3:675$726 réis. Em 1899, a mesma alfandega cobrou de impostos aduaneiros, tonelagem, contribuição industrial, imposto municipal, imposto de producção, etc., a verba de 730:327$595 réis.

Sr. presidente, a differença, para melhor, no rendimento d'aquellas provincias, é grande. Inculca que avançou, ainda que lentamente, a sua economia. Mas será o bastante? Não é.

O continente do reino, cuja area é de 89$000 kilometros quadrados, dá ao Estado 53$000 contos de réis. Moçambique, cuja superficie é de 780$000 km. q. (quasi 9 vezes a do continente, e superior á de qualquer dos imperios da Europa, excepto a Russia) dá-lhe approximadamente 3$000 contos!

Por egual succede com a provincia de Angola, que é 14 vezes superior em superficie á metropole (1:300$000 km. q.), superior mesmo á Allemanha e Austria reunidas, e que tem cerca de 10 milhões de habitantes.

Isto, que se deduz dos documentos officiaes, é triste e irrisorio! Porque, civilisada a Africa, nós poderemos pagar por inteiro os juros aos credores, e estabelecer uma outra amortisação á divida pública. É por isto que eu continuarei chamando a attenção dos poderes constituidos e a do paiz para aquella feraz e uberrima parte de nosso territorio — a Africa portugueza.

Assim, e desde agora, visto que estou usando da palavra, lembrarei ao governo a precisão instante de se crearem em Portugal, as escolas coloniaes, á semelhaça das escolas coloniaes inglezas, que todas são na provincia, situadas entre o mar e um rio navegavel, possuindo terras proprias e ao lado de outras de particulares, essencialmente agricolas.

Essas escolas, alem do seu dominio rural, onde se experimentam differentes systemas de cultura e variedade de productos, teem diversas installações para a exploração: — granjas, leitaria, aviario, officinas de constructor, estações de barcos, e duas egrejas, uma catholica e outra protestante.

O seu ensino, todo prático, é ahi ministrado por um verdadeiro exercito de agricultores e artistas, que familiarisam o alumno com os melhores processos de bem colonisar. Ahi a agricultura toma o primeiro passo; e logo a silvicultura, essencial para a exploração das colonias; e depois a creação e tratamento dos gados.

Ahi nada se esquece do que é necessario a quem se dispõe a ir procurar a sua vida nas provincias do Ultramar. O moço, que sae d'essas escolas, apprendeu a tratar devidamente os animaes, quando adoecem; sabe ferrar um cavallo, limpá-lo, montá-lo; sabe medir os terrenos; sabe a maneira de os nivelar, de os drenar e de os irrigar; sabe construir uma casa, ou uma ponte sobre um rio, com as madeiras de um bosque; sabe construir uma forja e as machinas destinadas á lavoura e ao transporte de seus productos; sabe construir sellas e arreios; finalmente, nas differentes officinas apprendeu tudo o que é indispensavel a um individuo, que, isolado na Africa, e longe do povoado, deve saber, para não ser victima do meio em que se encontra.

Tudo isto que se pratica na Inglaterra, e de ha muito, deve merecer a maior attenção dos governos portuguezes. Se não se podem fundar algumas escolas d'este genero, pelo menos devia crear-se uma para modelo e incitamento a emprezas particulares, pois as escolas que mencionei da iniciativa individual, estão florescentes e são abastadas.

A França, depois de observar o que se passa na Grã-Bretanha, creou já uma escola d'este genero em a Normandia. E' a escola *des Roches*, inaugurada em outubro de 1899. E tem, além d'isso, em Paris o Instituto Colonial, que foi creação da Academia de Sciencias Moraes Politicas.

Se se póde aproveitar, como base da população da Africa, a gente portugueza, cuja sahida para o Brasil agora vae esmorecendo, e ha de acabar totalmente; se ella tem sido grande, pois só em 7 annos, isto é, de 1891 a 1897, deixaram Portugal, não contando a emigração clandestina, —210:640 emigrantes, dos quaes a quasi totalidade—181:936, se dirigiram para a America do Sul, e apenas n'aquelle praso de tempo, 9:342 para a Africa; se isto é assim, e em cada um d'estes annos o Brazil nos levou em média 30:091 habitantes, e a Africa sómente 1:134,—entendo que, nestas circumstancias, deve convergir para este assumpto a attenção dos poderes publicos; e tanto maior, quanto é certo que, se a emigração para as terras de Santa Cruz tem diminuido a partir de 1896, a que se dirige para a Africa não tem augmentado, como o prova a respectiva estatistica. (O digno par apresentou os documentos officiaes).

Assim se é de aproveitar a emigração portugueza, repito, e se esta, derivada para as colonias, não constitue perda, mas tão apenas um deslocamento de forças, que vão empregar-se em outro ponto da mesma nação; se a consequencia d'isto não póde deixar de ser o augmento da permuta commercial com a metropole,—então repetirei, e com mais fundamento, que, para essa emigração ser proveitosa, são necessarias não só as escolas coloniaes para formar homens, que no Ultramar, por sua iniciativa e direcção, saibam aproveitar e servir-se dos braços emigrantes, mas egualmente se torna indispensavel uma lei de emigração e colonisação portugueza; por quanto, logo que a Africa cresça em prosperidade, hão de ahi acudir muitos subditos de outras nações. Não serei eu que diga o modo como essa lei deve ser feita, porque um tal assumpto está magistralmente tratado na portaria de 7 d'Agosto de 1852.

Desculpe V. Ex.ª e a camara, se eu sahi, por um instante, fóra do assumpto d'este projecto de lei, ainda que com elle ligado estreitamente. Fi-lo de proposito, porquanto, já na outra casa do parlamento, um illustre orador pediu que se transformasse o *Curso Superior de Letras* n'uma escolá normal de preparação para o magisterio secundario official e particular, e que se creasse mais um lyceu em Lisboa!

Ora, sr. presidente, o de que precisamos não é de mais um lyceu em Lisboa, que prepare os alumnos para funccionarios publicos, que é onde conduz a instrucção tal como está organisada. O que nós precisamos é de homens aptos para as colonias. E sabe V. Ex.ª o que responde a uma tal proposta o imperador da Allemanha, e o proprio ministro da instrucção publica d'aquelle paiz, que sempre entre nós é citado em questões pedagogicas?

O imperador, no seu discurso proferido ultimamente no primeiro lyceu de Berlim, reconhece que nas escolas allemãs o ensino é bom pelo lado scientifico, mas que elle *esquece a formação do caracter e as necessidades da epocha actual*. Pelo que, aggride com sentida eloquencia o abuso da philologia e do latim, e em geral o ensino classico, a que, diz aquelle imperante, falta o lado pratico, e não educa a mocidade para as luctas reaes da vida.

O ministro da instrucção publica e dos cultos da Prussia, assim o entende egualmente. Os olhos da nação, diz elle, agora todos se *voltam para o extrangeiro e para as colonias*.

Pelo que, o imperador e o seu ministro ambos concluem,—que todo o ensino deve principalmente concorrer para a expansão da raça allemã; e que esta deve ser educada de maneira que se *colloque em circumstancias de luctar com as outras raças, que actualmente disputam o globo;* que, hoje, o principal fim do ensino deve consistir em *formar espiritos praticos*, capazes, em qualquer situação em que se encontrem, de poder por si proprios defender-se, resolver essa situação e prosperar. Devem ter conhecimento das cousas e do mundo.

Todos os povos hoje pensam d'este modo. Para as colonias deve exportar-se riqueza; e a principal é a dos braços:—homens educados praticamente, fortes, saudaveis, intelligentes.

Porque tal exportação não póde dar-se immediatamente de Portugal, pois que, tendo 5 milhões de habitantes, só um milhão sabe ler, como mostra a estatistica official,—segue-se que a nossa emigração deve ser combinada com a extrangeira; e por isto, a necessidade de uma lei de emigração e colonisação, e a de se crearem, e desde agora, as escolas coloniaes. Deve comprehender-se, e de uma vez para sempre, que as leis só por si não fazem as colonias, mas que é antes a energia, a intelligencia, a educação propria, quem faz a civilisação.

(Continúa) *Conde de Valenças.*

AS NOSSAS GRAVURAS

A ORCHESTRA PHILARMONICA DE BERLIM

Foi um verdadeiro acontecimento artistico a vinda a Lisboa da Philarmonica de Berlim, que se fez ouvir em as noites de 6 e 7 do corrente, no Real Theatro de S. Carlos.

É sem duvida a primeira orchestra do mundo, hoje dirigida por Arthur Nikisch um dos mais notaveis regentes de orchestra.

Arthur Nikisch é hungaro e a sua fama vem desde que em Leipzig dirigiu as composições de Wagner com rara mestria e intelligencia.

Depois foi para a America onde passou alguns annos.

Em Budapesth dirigiu superiormente a orchestra do Theatro Real.

Voltou a Leipzig onde tomou a direcção dos concertos de Gewandhauss, na vaga deixada por Carl Reinecke.

A Philarmonica de Berlim tendo-o agora á sua frente confirma os creditos de Nikisch, como teve occasião de apreciar o publico que assistiu ás duas audições da famosa orchestra em S. Carlos.

O programma dos concertos foi o seguinte:

1.º Concerto

Ouverture «Leonore» III.........	Beethoven
Les Preludes...................	Liszt
Symphonie n.º 5, C-mol	Beethoven

a) Allegro com brio.
b) Andante.
c) Allegro.

Waldweben....................	Wagner
Ouverture «Tannhanser»........	»

2.º Concerto

Ouverture «Freischutz».........	Weber
«Tod und Verklarung»	Rich Strauss
Symphonie n.º 5 E-mol Op. 64...	Tschaikowsky

a) Andante, Allegro con anima.
b) Andante cantabile, con alcuna licenza.
c) Valse. Allegro moderato.
d) Finale. Andante maestoso.

Praeludium, Adagio, Gavotte, Rondó (fur Streichorchester)......	J. S. Bach
Meistersinger (Ouverture).......	Wagner

A precisão e arte com que foram executadas estas composições musicaes dos celebres maestros foi além de toda a espectativa e deixou maravilhado o publico que assistiu á sua audição, como não terá facil ensejo de tornar a ouvir em Lisboa.

A Philarmonica de Berlim composta de oitenta figuras ouve-se como se fôra um só orgão em que se reunisse toda a instrumentação de uma orchestra, tal é a precisão e nitidez com que cada uma das suas figuras executa a parte que lhe compete. Para chegar a esta perfeição só o muito estudo e

disciplina o conseguiu sob a direcção de grandes musicos, como os que durante o espaço de 40 annos (que tantos são os que conta a Philarmonica de Berlim) a tem dirigido. Effectivamente Ricardo Wagner, Liszt, Strauss, Saint Saens, Rubinstein, Grieg, Weingartner e outros, teem feito executar suas composições por esta philarmonica sob sua propria direcção.

Foi pena que a Philarmonica de Berlim só désse dois concertos em Lisboa, o que limitou a sua audição ao publico que poude encontrar logar em S. Carlos, e que a maior parte de nossos artistas não podessem ouvil-a, do que decerto tirariam muito proveito.

COLYSEU DOS RECREIOS

MARIA GALVANI

É uma das figuras que mais se teem salientado na grande companhia de opera que actualmente funcciona no Colyseu de Santo Antão.

A sua voz, fresca e de um timbre agradabilissimo, adequa-se perfeitamente ao seu repertorio, constituido pela inspirada opera de Donizetti *A Lucia*, pelos conhecidos spartittos de Bellini *Somnambula* e *Puritanos*, pela esplendida opera de Meyerbeer *Dinorah*, pela maviosa composição de Rossini *O Barbeiro de Sevilha*, etc.

Como soprano ligeiro, é sem duvida, um dos mais notaveis que existem na actualidade. Este genero de cantores está hoje representado por um pequenissimo numero d'elles tendo, além d'isto o inconveniente de a maior parte d'estes não poderem satisfazer as exigencias dos seus papeis.

É por este facto, que Maria Galvani, apesar de nova na carreira, é considerada no mundo lyrico, como uma das poucas *estrellas* que no seu genero, hoje, existem.

MARIA GALVANI

Encantadora na *Lucia*, é magnifica na *Somnambula*, esplendida na *Traviata*, extraordinaria no *Barbeiro* e sublime no *Rigoletto*

Maria Galvani tem já em Lisboa os seus creditos firmados, e oxalá que tenhamos o prazer de a admirar por bastante tempo, porque nunca nos cançaremos de applaudir tão brilhante artista.

PALACIO FOZ

Representam as nossas gravuras a formosissima sala Luiz XV e a galeria ao longo do jardim, no Palacio do sr Marquez da Foz, onde tão preciosas obras d'arte se podiam, ainda ha pouco, admirar.

Confrange devéras os corações que ainda teem, no meio da maior indifferença, o condão de vibrar perante coisas d'arte, ver dispersar-se o que, com tão fino gosto e muito oiro despendido, n'aquelle palacio se fôra accumulando.

Estatuas de marmore de Carrára, preciosas mobilias, loiças e sedas da India, porcellanas de Sévres e de Saxe, quadros dos melhores mestres, o vôo que tomaram dispersou para sempre todas essas bellas coisas. Algumas ficaram em Portugal, muitas sahiram a fronteira.

A sala Luiz XV, representada pela nossa gravura, era toda ella um primor, uma verdadeira joia, mobilia, quadros, tectos, tapetes, seda forrando as paredes, sobre-portas e trabalho de talha.

Na galeria havia muitos bustos e estatuas de valor.

O leilão acabou sem que o Estado prestasse ouvidos a muitos pedidos

PALACIO FOZ — SALA LUIZ XV

que lhe foram dirigidos. Que destino terá o palacio, um dos mais bellos e o mais bem situado de toda Lisboa?

Boatos correram a esse respeito que já foram desmentidos. Breve iremos saber a verdade e Deus queira que não tenhamos a lamentar mais algum desastre na historia já muito triste da arte em Portugal nos tempos que vão correndo.

dias de Hussla, *Saudade*, elegia de Adolpho Sauvinet, e *Farandole*, de Bizet.

Tocaram: *Scherzo* para dois pianos, de Saint-Saens, marquez de Fronteira e Alexandre Rey-Collaço; *Le Rêve* e *Etude de concert*, de Godefroid, na harpa, Rachel Luizello.

Cantaram: João Affonso, aria de tenor, *vanto io pur*, de Carlos Gomes; *Cantico das vagas*, ballada

chnicas eram mal formuladas, algumas ridiculas, outras inexequiveis: não se exigia opera de compositor portuguez; exigindo um grupo de cantores de 1.ª ordem não se mencionava um meio soprano; no corpo de baile reproduzia a inepta condição do programma do concurso anterior de ter só 16 bailarinas, menos que o exigido pelo bailado das horas da opera *Gioconda!*

PALACIO FOZ — A GALERIA

O Real Theatro de S. Carlos de Lisboa

(Continuado do numero antecedente)

1891-1892

Em 3 de julho, para commemorar a dadiva da rosa de ouro concedida pelo Papa Leão XIII á rainha D. Amelia, que trouxe de Roma o marquez Julio Sacchetti, e que foi apresentada com toda a solemnidade á rainha pelo nuncio Jacobini, na capella do palacio nas Necessidades no dia seguinte, 4 de julho de 1892, houve no theatro de S. Carlos um concerto promovido pela Real Academia de Amadores de musica, dirigido pelo maestro Victor Hussla, achando-se o theatro brilhantemente illuminado e a tribuna real ornamentada com muitas plantas.

O programma do concerto foi o seguinte:

Pela orchestra; a *marcha solemne* e tres *rapso-*

de Hussla, José de Almeida; Romanza da opera *Pescatori di perli*, de Bizet, e *ballata* da opera *La Bella Fanciulla di Perth*, de Bizet, e uma canção hespanhola, pela dama Vandrelli do theatro do Colyseu dos Recreios.

Tendo a empreza administradora da firma Campos Valdez cessado os espectaculos, por não poder satisfazer os seus compromissos, o governo resolveu pôr a concurso a adjudicação do theatro de S. Carlos por 5 annos; o concurso foi aberto em 7 de abril de 1892, pelo praso de 30 dias. O governo concedia o theatro, guarda-roupa etc., dava illuminação electrica gratis, e não só dava luz mas tambem *calor!* não dava subsidio, mas dava o que se estipulasse, annualmente, para pôr em scena uma opera completamente nova de *notorio merito e auctor de primeira ordem*; e consentia que se augmentassem os preços. As recitas ordinarias deviam ser pelo menos 60, e a duração da epocha 4 mezes. Emquanto ás condições te-

O programma tinha uma vantagem eventual para o emprezario; era a concessão da verba para opera nova, que dando-se o caso de haver ministro de feição favoravel poderia ser extraordinariamente elevada; este facto permittiria durante os 5 annos refazer cinco grupos de scenas, decorações, machinismos, costumes etc. de diversas epochas, que tudo ficava pertencendo ao governo; era mesmo a unica maneira de tirar, a pouco e pouco, o theatro do estado de miseria em que se acha o seu material.

Mas a opinião publica recebeu mal esta condição, e muitos orgãos da imprensa se fizeram echo d'este sentimento, por estar ainda muito recente a impressão dolorosa produzida pelos descontos de 20 % lançados sobre os magros ordenados dos funccionarios publicos, o imposto de 30 % sobre os juros da divida publica, a supressão do ministerio de instrucção publica etc.

Disse-se até que o governo esteve mesmo para

retirar o programma; mas se teve tal ideia não a poz em execução; o praso do concurso correu, e não appareceu concorrente algum.

Desde então o presidente do conselho, ministro do reino, manifestou sempre tendencias para conservar fechado o theatro de S. Carlos.

A associação dos musicos, 24 de junho, desejava, porém, obter o theatro; o presidente do conselho José Dias Ferreira não esteve comtudo nada disposto a conceder-lho, a esta associação nem a outrem. Apesar de uma commissão delegada por aquella associação musical, apresentada e patrocinada por Victor Hussla, ter ido solicitar da rainha D. Amelia, protecção e auxilio para obter o theatro, e da rainha lhe haver promettido que faria quanto em si coubesse para a sua pretenção ser deferida, e ser agradavel ao maestro Hussla, o ministro José Dias Ferreira não cedeu.

Entretanto o tempo ia correndo, aproximando-se o inverno, sem indicios de haver espectaculos no theatro de S. Carlos; a opinião publica começou a manifestar-se contra o presidente do conselho, a quem se attribuia o firme proposito de conservar fechada a primeira scena lyrica, em favor dos interessados no Real Colyseu, que tencionando dar ali opera italiana, temiam o confronto simultaneo da opera em S. Carlos. N'este assumpto os jornaes, de diversas côres politicas, fizeram côro com a opinião geral, pedindo insistentemente que se adjudicasse o theatro. O antigo emprezario Freitas Brito, auxiliado por alguns amigos, manifestou desejos de obter o theatro de S. Carlos. O presidente do conselho, vivamente solicitado por diversos lados, resolveu se a pôr a adjudicação do theatro a concurso, alterando porém algumas condições das que acceitava Freitas Brito.

O concurso foi aberto em 7 de outubro de 1892, durante 15 dias. O governo não concedia illuminação, nem dava subsidio algum.

O numero de recitas ordinarias era 40; devia haver um quinteto de 1.ª ordem, soprano dramatico, meio soprano, tenor, barytono e baixo; não exigia operas novas; o deposito garantia do contrato seria de 10:000$000 de réis; a orchestra devia, no minimo, ser composta de 70 executantes; coristas de ambos os sexos 60.

Correu o praso do concurso, e nenhum concorrente appareceu; mas apenas elle findo Freitas Brito apresentou uma proposta, alterando algumas das condições do programma; taes eram a suppressão de *meio soprano* de primeira ordem, reducção de orchestra a 54 executantes, e coristas 50 de ambos os sexos; deposito de 7:000$000 de réis, e o praso de adjudicação 5 annos.

O governo não quiz conceder o theatro a Freitas Brito sem novo concurso, o qual foi aberto em 29 de outubro pelo praso de 8 dias. As condições do programma eram as da proposta de Freitas Brito; em logar porem de exigir o deposito immediato de 7:000$000 de réis, apenas consignava que não poderiam começar os espectaculos sem se fazer o deposito.

D'esta vez appareceram nada menos de tres pretendentes; Freitas Brito acceitando pura e simplesmente o programma de acordo com a proposta que antes fizera: Santos Junior e C.ª emprezario do Colyseu dos Recreios, alem das condições do programma, offerecia *uma dama meio soprano de 1.ª ordem, duas operas novas* em cinco annos, e *dois beneficios* á escolha das duas rainhas; Rodrigo Lencastre, do Porto, alem das condições do programma, offerecia *uma dama meio soprano de 1.ª ordem, dois maestros, uma bailarina de 1.ª ordem, cinco operas novas*, uma em cada anno, orchestra de 60 professores, um beneficio annual (receita bruta) para o cofre dos artistas portuguezes.

Com o novo programma era facil fazer promessas sem risco de perder o deposito, caso não conseguisse o emprezario fundos para contratar companhia, pois não era obrigado a entrar com o dinheiro logo. D'esta circumstancia se fez echo a opinião publica e a maioria dos jornaes.

O governo mandou então ao governador civil que intimasse os tres proponentes a entrarem immediatamente com o dinheiro, ou a obrigarem-se a depositalo na occasião da assignatura do contrato.

Só aceitou este alvitre o concorrente Freitas Brito; o candidato Santos apresentou um protesto, allegando ser tal intimação fóra das condições do programma; o outro pretendente nada disse. Em consequencia o governo adjudicou o theatro a Freitas Brito.

Em 20 de novembro de 1892, devia verificar-se no theatro de S. Carlos uma recita de gala, para festejar o regresso dos reis de Portugal de Madrid, para onde haviam partido em 9 do mesmo mez, e chegado a Lisboa em 18.

A recita era gratuita; os convites foram feitos pelo conde da Folgosa, presidente da commissão que tomou a iniciativa das festas, e que foi alvo de grandes criticas e contrariedades, por ser creatura muito do presidente do conselho de ministros, e ter despertado muitas antipathias, difficeis de justificar; pois para a maior parte da gente era um desconhecido; perguntava se geralmente quem era este conde? donde viera? o que fazia n'este imbróglio politico theatral?

Apurava-se que se chamava Antonio de Sousa e Sá, que alcançára fortuna com o casamento, pois fora terceiro marido da viuva de Luiz do Regó da Fonseca Magalhães, nora do celebre estadista Rodrigo da Fonseca Magalhães, e filha do antigo caixa do contrato de tabaco, barão da Folgosa. Fora-lhe dado o titulo de conde por intervenção de Manuel Pinheiro Chagas, o grande orador, que foi ministro da marinha. Actualmente viuvo e senhor dos bens do antigo contratador do tabaco, puzera-se em evidencia, pouco tempo havia, já depois da constituição do ministerio Dias Ferreira, e segundo se dizia, por suggestões d'este, convocando em sua casa uma reunião de banqueiros, capitalistas e homens politicos mais ou menos *trunfos*; d'essa reunião, escusado é dizer, não sahiu a salvação financeira, mas sim, segundo se dizia, uma commissão de tricas eleitoraes; effectivamente, apesar das violentas medidas do governo, deducções nos vencimentos dos funccionarios, não pagamento de parte dos juros da divida interna e externa, etc., os exercicios financeiros continuaram a ter volumosos *deficits*. Mas o governo segundo o costume, venceu as eleições!

Como não conseguisse o conde da Folgosa organizar um concerto em S. Carlos, apesar de n'esta occasião se acharem de passagem em Lisboa Adalgisa Gabbi, Gabrielesco e Mancinelli, e tendo se a companhia do theatro de D. Maria recusado a representar em S. Carlos, resolveu o conde que a companhia lyrica italiana do theatro do circo do Real Colyseu, de que elle era proprietario, viesse representar a opera *Fausto* no theatro de S. Carlos.

Não faltaram pedidos ao conde da Folgosa para dar camarotes e logares das plateias para esta recita, o que forçosamente lhe trouxe grandes embaraços; nem que tivesse o theatro o triplo dos logares elle poderia satisfazer todos os empenhos. Um fiasco inesperado aguardava porem esta tão fallada parte dos festejos que devia realisar-se em S. Carlos.

Eram 8 horas da noite e já muitas carruagens conduzindo damas da côrte em grandes toilettes, diplomatas, e cortezãos fardados, casacas e gravatas brancas em abundancia, e muita gente a pé, se accumulavam junto ás portas do theatro, que ainda a esta adiantada hora se achava ás escuras! ao mesmo tempo corria de boca em boca o boato que não podia haver festa, porque as machinas se negavam a dar luz electrica! Eis que apparece a luz nos globos do largo de S. Carlos, abrem-se as portas, entram os convidados, enchem-se os camarotes de damas, lindas, feias, e nem uma cousa nem outra; muitas ostentam ricos adereços de brilhantes, perolas, e diversas pedras preciosas. A Rainha D. Maria Pia regente, e o infante D. Affonso chegam e dirigem-se para as salas contiguas á tribuna real.

Mas a luz electrica começa a vacillar, enfraquece e por fim desapparece; então segue-se grande atrapalhação, e a authoridade declara não haver recita, pela incerteza da luz; entretanto immediatamente communicaram a noticia pelo telephone para o Paço das Necessidades, de modo que os reis de Portugal não chegaram a sair de casa, poupando-se-lhes a semsaboria de que tinham tido bom quinhão a Rainha viuva, o infante e centos de pessoas que tiveram de retirar-se do theatro, muitas das quaes, já não tinham ali as suas carruagens; esta debandada a pé de numerosas damas em trajos de gala, e figurões engravatados de branco, encasacados, e de farda, foi uma scena comica digna da prosa faceta de Paulo de Kock.

Mas diz um proverbio, o que se não faz em dia de Santa Luzia faz-se em outro dia; a recita de gala verificou-se na noite de 22 de novembro de 1892. Cantou-se o *Fausto*, de Gounod, pela companhia do Real Colyseu, a saber: Angela Ruanova (Marguerita), Migueis (Siebel), Angelina Pelagio (Martha), Calioni (Fausto), Serra (Mefistofele), Rubi (Valentim).

(Continua) *Francisco da Fonseca Benevides.*

SCIENCIA MODERNA

XXXI

O RADIO

A sciencia não estaciona. Cada dia que passa, é mais uma descoberta ou invenção a registar nos seus annaes.

Agora a attenção dos scientificos tem-se concentrado, principalmente, ao estudo de um corpo de grande intensidade luminosa, e caracterisado por umas propriedades que o tornam distincto de todos os outros corpos egualmente luminosos. Referimo-nos ao *radio*.

Uma das ultimas sessões realisadas na Sociedade Astronomica de França teve por objecto, a discussão dos estudos effectuados, n'este corpo, pelos eminentes homens de sciencia, a que já n'esta secção, por vezes temos alludido, os senhores Becquerel e Curie. Este corpo possue um brilho extraordinario desde que o tiremos do envolucro onde elle se acha encerrado com o fim de o conservar ao abrigo da luz.

As experiencias de Becquerel foram realisadas com um decigramma d'este corpo. Deitou esta porção n'um tubo de ensaio que, em seguida, fechou á lampada. A luz engendrada n'este tubo, tornou-se vivissima, a ponto de poder ser projectada nitidamente no tecto da casa onde se realisava a experiencia.

A sua intensidade luminosa é tal que facilmente essa luz pode atravessar o vestuario de um individuo de lado a lado, sem perder a sua vivacidade.

Outro facto notorio:

A quantidade de materia perdida pela irradiação, segundo as analyses seria apenas de um milligramma em mil annos para uma superficie de um centimetro quadrado.

Este facto virá resolver um problema que, ha muito, se acha proposto, mas que, infelizmente, até hoje, não tem tido solução?

Porque motivo o sol conserva sempre o mesmo calor durante milhares de annos, e não o vae perdendo pela irradiação, como succede com os outros corpos?

Se o sol fosse constituido por moleculas de *radio*, já promptamente responder-se-hia que era a sua constituição que obstava a essas perdas.

Resta, no emtanto, saber, qual é essa constituição.

XXXII

O TELAUTOGRAPHO

Mais uma grande descoberta. É o telautographo, apparelho destinado a transmittir a escripta ou desenhos a grandes distancias, por meio da electricidade.

Tem o apparelho a forma de uma estante. Consta de um lapis fixo a uma especie de pantographo com um braço que se move por si, e ligado a um outro de eguaes dimensões. Este systhema articulado desloca-se em torno de dois eixos. O lapis é movido no sentido horisontal da esquerda para a direita, girando sobre uma folha de papel onde se regista a escripta ou desenho a transmittir. A cada palavra registada, o lapis levanta-se do papel, appoiando-se de novo na palavra seguinte e assim successivamente.

O movimento de translação do lapis effectua-se por um artificio simples: O lapis, avançando, desloca os dois braços, aos quaes é fixo e faz girar os eixos. Por este facto, os angulos dos braços varia. Esta deformação faz, egualmente, variar, por meio de *rheostateos*, a intensidade da corrente electrica que atravessa o apparelho, antes de seguir para a linha de transmissão.

Ha dois braços moveis e portanto duas correntes: uma vae por um dos fios, e a outra circula no segundo.

Na estação de chegada, o receptor possue uma disposição analoga ao transmissor, e n'aquelle, assim como n'este, se acha articulado ao apparelho, um lapis ou uma penna girando sobre uma folha de papel onde se reproduzem todas as impressões enviadas pelo transmissor.

Cada corrente transmittida actua sobre um galvometro o qual se inclina á razão da corrente e a penna do receptor gira como o lapis do transmissor.

É necessario, comtudo, que a pena abandone o papel quando o lapis o abandonar, e se appoie quando egualmente, aquelle se appoiar. O papel para isso, é collocado sobre uma mesa. Pela pressão do lapis, estabelece-se um contacto electrico. As correntes de uma bobine de Rumkorff passam nos dois fios da linha e, por serem alternados, não influem no galvanometro do receptor, e operam

sem modificar a transmissão da escripta, sendo a penna obrigada a fazer movimentos identicos aos do lapis do transmissor. O contacto cessa desde que o lapis se levanta.

Mas o papel deve deslocar-se. A machina é que se acha encarregada d'essa missão. Na occasião da transmissão, finda uma linha do papel, appoia-se fortemente no lapis. Esta pressão, por meio de uma alavanca, faz subir o papel e envia a corrente ao receptor. Então, na mudança de linha no papel, a penna do receptor acha se junto a um tinteiro, e a corrente obriga a penna a baixar, mergulhando esta no tinteiro, e enchendo-se por isso de tinta, de modo que as impressões, na estação de chegada, fiquem por egual nitidas em toda a extensão do papel.

O lapis é fixo nas extremidades de duas hastes articuladas aos braços dos dois *rheostatos* e independentes um do outro. Cada um dos *rheostatos* é intercalado no circuito de duas linhas differentes ligadas ao polo positivo da bateria.

O receptor tem dois galvanometros. Os dois eixos das bobines moveis d'estes, teem na extremidade, duas hastes, onde se liga a penna que traça os signaes.

A resistencia dos *rheostatos* do transmissor são regulados de forma que os angulos descriptos pelos braços d'estes sejam reproduzidos pelos do galvanometro.

Querendo transmittir uma mensagem, exerce-se pressão no extremo do lapis sobre uma pequena alavanca, collocada á esquerda da estante. Por este facto, põe-se em acção o mechanismo que avança o papel. Ao mesmo tempo, um commutador transmitte movimento ao posto transmissor emquanto se isola o posto receptor.

Tanto a penna como o lapis deve exercer egual pressão sobre o papel. Para isso, a corrente da bateria local atravessa um electro que retem uma haste collocada entre a folha e duas outras hastes.

Finda a mensagem, exerce-se pressão sobre um botão, na parte inferior da estante, e o receptor deixa de communicar com o transmissor. A escripta transmittida por este apparelho é de uma grande perfeição, e conserva sempre grande nitidez

Oxalá que o telautographo venha preencher uma das muitas lacunas que ainda existem na sciencia actual.

20—5—901.

Antonio A. O. Machado.

FA SUSTENIDO

POR

Alphonse Karr

XXIII

Havia occasiões em que lhe parecia que a cantiga começada continuava dentro d'elle e punha-se de ouvido á secuta com um ar estupido.

Outras vezes era como se lhe fizesse cocegas nos beiços, mas não podia articulal-a.

O vento soprava por entre as arvores e logo lhe parecia ouvir na bulha que os choupos faziam baloiçando-se, o que quer que fosse que lhe recordava a cantiga.

Aos domingos ouvia-a distinctamente nos sinos; mas ao chegarem ao compasso fatal, vento e sinos pareciam tornar a começar sem uma unica nota para além.

Esse cantarolar perpetuo do Barão, em meio das mais serias conversações, tornou-o dentro em pouco completamente insupportavel aos poucos amigos que ainda o visitavam em seu retiro, e a solidão completa em que o deixou o abandono d'elles não contribuiu pouco para fortelecer-lhe a mania, que por fim tomou o feitio de verdadeira loucura.

XXIV

Depois do jantar, Conrado, emquanto o Athanasio de pé, por detraz d'elle, havia muito esperava que se levantasse, pensava n'aquella extravagancia da sorte, que, havendo-lhe concedido quanto os homens mais procuram, só lhe deixára o desejo d'uma só coisa que, se o acaso lh'a deparasse, já não teria, provavelmente, valor nenhum.

Depois de muito pensar, quiz tudo resumir n'uma especie de aphorismo á moda oriental e disse alto:

— A felicidade é uma gazella.

Mas logo se calou vendo certos signaes de reprovação que o Athanasio deixou escapar.

— Se V. Ex.ª dá licença, dir-lhe-hei que não sou d'essa opinião; para mim, n'este momento a felicidade é o bocado de vacca assada, que me espera na cosinha, quando V. Ex.ª tiver acabado.

— Mas, quando acabares de comer a tua vacca assada, onde estará a felicidade?

— No momento em que me hei de metter na cama para dormir até ámanhã.

— Quer dizer, disse comsigo Conrado, que a felicidade é sempre aquillo que não temos, pois a mim, a não ser o final da quadra, nada me falta. Logo a felicidade é uma antithese e nada mais; a felicidade é o contrario muita vez ficticio das nossas dôres. Nos ardores do estio, durante uma longa marcha em terrenos de areia, a felicidade é o vento fresco, que nos refresca o rosto; no inverno, quando o gelo se prende em nossos cabellos, a felicidade será esse mesmo sol, de que nos queixavamos quatro mezes antes.

E quiz terminar o aphorismo.

— A felicidade é uma gazella branca.

— Branca, porquê? perguntou o Athanasio, afoitando-se, em vista das perguntas que o amo lhe tinha feito.

Mas o Conrado não achando resposta boa, não fez caso da objecção e continuou:

— A felicidade é uma gazella branca, que só deixa ver ao homem a poeira que seus pés levantam ou o estremecimento que sua passagem deixa nos tojos.

— Mas, disse ainda o Athanasio, como é que então sabe que é uma gazella? E, se é uma gazella, como sabe que é branca?

— A felicidade disse Conrado é o que quer que seja que foge, que só nos deixa ver a poeira que seus pés levantam e o estremecimento que deixa nos tojos a sua passagem.

E accrescentou:

— E o homem que a persegue só lucra poderem cegal-o os ramos espinhosos.

O Conrado, tendo terminado o seu aphorismo, levantou-se da mesa. Havia muito que não fizera tanto n'um só dia, e emquanto o Athanasio comia as suas fatias de carne assada, emquanto ia repetindo o final do aphorismo — e o homem que o persegue só lucra poderem cegal-os os ramos espinhosos — procurava qualquer meio novo para encontrar o fim da cantiga.

A força de procurar, lembrou-se de que tinha por visinho um sabio em velharias, cuja filha era, segundo lh'o haviam assegurado, muito sabida em musicas. Mas o sabio não recebia ninguem, não querendo perder um tempo que chamava precioso em *futilidades*, como se houvesse coisas mais futeis do que outras.

Um amigo do Barão, que não se lhe dava de o obrigar a novos conhecimentos para livrar-se d'elle, encarregou-se de o apresentar ao sabio; e, effectivamente, quinze dias depois, veiu dizer-lhe que, se quizesse lá apparecer, seria muito bem recebido.

XXV

Em que se descobre qual era a verdadeira côr do cavallo de Reynaldo de Montauban

Mas para poder apresentar Krumpholtz, o amigo só achára meio bom o de o annunciar ao visinho como um sabio que estava morto por conhecel-o. Tinha encontrado por esse mundo muitos sabios de profissão, que lhe não haviam parecido de força desanimadora, os quaes se houvessem dito sobre coisas conhecidas a quarta parte das asneiras que diziam sobre as desconhecidas, teriam sido troçados e corridos á pedra pelos pequenos da escola.

Julgou tal intrujice coisa tão insignificante, que nem sequer d'isso preveniu o Barão. Conrado, seguido de Athanasio, chegou a casa do visinho, como qualquer simples mortal, sem suspeitar sequer que havia sido guindado a sabio.

Encontrou-o no jardim. Depois dos cumprimentos estylo, deixou-o dizer quanto quiz, sem lhe dar palavra, esperando o momento de conseguir seus fins, isto é, de lançar os olhos sobre as musicas da filha; mas não viu maneira de pôr a proposta entre duas frazes, tanto estas ao homem sahiam juntas, connexas, umas seguindo as outras, fosse pelos muitos artificios de linguagem conhecidos, fosse pela volubilidade do discursador.

Porfim o sabio, depois de todos os esforços para metter o visinho n'uma conversação scientifica, a que o Barão fugiu o melhor que poude, lembrou-se d'uma pergunta directa a que era impossivel não responder.

— Ha uma coisa, disse, que me atrapalha; n'um livro francez que estou lendo agora, não posso adivinhar a razão por que se chama Bayard o cavallo de Reynaldo de Montauban.

N'este momento ouviram-se uns sons de cravo; o Barão, todo entregue ás suas preoccupações, não respondeu.

O sabio repetiu a pergunta.

Ou porque estivesse preoccupado, ou porque, de pouca sciencia, não tivesse bem presente a chronologia, respondeu sem hesitar:

— Tenho um cão chamado Hercules, porque não teria Reynaldo dado a um cavallo de batalha o nome d'um guerreiro tão famoso como foi Bayard?

O sabio olhou para elle pasmado.

O Barão percebeu que tinha dito uma tolice e poz-se a rir.

O sabio tomou a frase como graça e poz-se a rir tambem.

Mas o Athanasio que se approximára, disse:

— Se V. Ex.ª e o Sr. me dão licença vou dizer o que me parece.

E tomando o silencio do amo por consentimento tacito, continuou:

— Ha em casa do sr. Barão um cavallo lazão, que se chama o Lazão; uma egua malhada, que se chama a Malhada, outra russa, que se chama a Russa; porque é que o sr. Reynaldo não havia de ter um cavallo baio chamado Bayard?

— E quem te disse, perguntou o Barão, que o cavallo de Reynaldo fosse baio?

— É claro, disse o Athanasio. Eu não chamo á egua russa Malhada, nem á malhada Russa. Não conheci o sr. Reynaldo, mas não creio que fosse mais cego do que eu. Nunca chamaria Bayard a um cavallo que fosse russo ou lazão.

— Mas quem te diz que foi pela côr que lhe poz nome?

— Pois é claro tambem, continuou o Athanasio; já lhes provei que o cavallo do homem era baio, porque se fosse russo, lazão, ou sopa de leite, nunca o chamaria Bayard, o que quer dizer baio. Logo, revirando o argumento, é claro que visto que era baio está muito bem Bayard e nunca Lazão, nem Sopa de Leite, tal qual como eu chamo á malhada a Malhada e ao lazão o Lazão.

O Barão e o visinho passeiam atrapalhados; o syllogismo do Athanasio era errado; mas não sabiam como provar-lhe que era errado, tanto mais que a etymologia parecia certa. Para mudar de assumpto disse o Barão.

Approximemo-nos d'aquella sala; muito gostaria de ouvir o cravo de sua filha; ouvi dizer que tem muito talento e que é preciosa a sua collecção de musicas velhas.

— Pois venha, disse o visinho encaminhando-se para a sala onde se ouvia o cravo; temos toda a musica de Francou, que em 1066 mostrou em Colonia os signaes da divisão do tempo musical, Gilles Brischois, João Okenheim, Cypriano Rosa, Hobrecht, que ensinou musica a Eresmo, Diogo de Kerl, Gaspar Krumhorn o cego, etc.

— Branca, disse elle quando chegou, apresento-te o nosso visinho, Barão Conrado de Krumpholtz.

— Branca! disse Conrad.

— Branca! disse o Athanasio, que se approximára bastante para poder ouvir.

— Um sabio distincto, accrescentou o pae.

O Barão olhou para elle, tomando o cumprimento como uma graça de máo gosto.

A filha do sabio era uma mulher de trinta e cinco annos, alta e secca, vestida com pretenção.

Emquanto tocava uns trechos no piano, o Barão folheou todas as musicas sem achar o que queria. Apenas no alto d'uma pagina branca deu com este titulo *do Rheno!*

Mas quem copiaria aquella musica não foi o sabio nem a filha, não sabiam o que era que ali haviam querido pôr e depois nada provava que fosse a tal cantiga do Conrado.

Ao sahir com Athanasio:

— Branca! dizia elle com sigo. Tudo me traz lembranças d'aquella que amo.

— Branca! dizia com sigo o Athanasio. Tudo me recorda aquelle que me persegue.

(Continua)

NECROLOGIA

AUGUSTO PEIXOTO

Foi com verdadeiro pezar que soubemos da morte do nosso collega Augusto Peixoto, redactor do *Seculo*, que tão novo foi roubado por uma doença tragica á esposa e filhos que elle estremecia, aos amigos e collegas que tanto o estimavam.

Dois morangos, colhidos no proprio quintal de sua casa, inocularam-lhe, por qualquer ferida pequenina da bocca, essa horrivel doença, que se

chama o tetano. Dias depois, Augusto Peixoto fallecia no hospital de S. José, apesar de todos os recursos da sciencia com que lhe acudiram.

Sendo ainda estudante do Instituto Industrial e Commercial de Lisboa, começou escrevendo uns artiguinhos, que lhe foram acceitos na redacção do *Seculo*, onde passados tempos entrava para um logar effectivo.

O nosso collega Silva Graça confiou-lhe ultimamente o logar de secretario, cargo que exercia, quando a morte tão cedo o veio chamar, em plena mocidade risonha e cheia de esperanças.

Trabalhador, intelligente, optimo coração, Augusto Peixoto inspirava a todos a maior das sympathias.

Era natural de Braga e contava de edade trinta e cinco annos incompletos.

Aos nossos collegas do *Seculo*, que hão de tanto sentir a falta do nosso querido amigo, enviamos os nossos pezames.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Petronio — *Peça livremente extrahida do romance «Quo Vadis?» de Henryk Sienkiewicz — por Marcellino Mesquita — Manuel Gomes, Editor — Chiado, 61 — Lisboa* — 1901.

Tendo o celebrado romance polaco *Quo Vadis?* alcançado extraordinaria voga, graças a diversas circumstancias, algumas bem difficeis de definir, é muito natural que nos paizes onde successivamente se foi conhecendo se tratasse de o transplantar para o theatro. Embora sejam poderosas as suas qualidades descriptivas e litterarias, a admiravel pintura do caracter das personagens e o vivido contraste com os costumes da Roma pagã da crença immaculada do Christianismo, sobre que assenta o romance, não se obteve na scena egual successo. É que o entrecho dramatico, o fio propriamente da acção, é assaz tenue, e não fornece a intensidade necessaria para brilhar á luz da ribalta.

Conta-se até que alguns dos litteratos que quizeram arranjar para o theatro o *Quo Vadis?* abandonaram a tentativa, ao reconhecer que o exito do romance se fundava exclusivamente nas suas bellezas descriptivas, que em scena quasi desappareceram obscurecidas pelo dialogo e demandando um scenario e uma *mise-en-scene* custosos, senão difficeis de conseguir condignos.

Abalançou-se a empreza do theatro D. Amelia a pôr em scena a presente peça livremente extrahida do romance pelo talentoso dramaturgo Marcellino Mesquita. Envidaram-se louvaveis esforços para que as representações tivessem o devido esplendor. Fez-se arte, a despeito da pequenez do meio.

Pelos motivos já indicados não logrou a peça o successo que parecia dever produzir. Que esse facto proveiu da natureza do proprio original e não dos arranjos não resta duvida.

Bom foi que se publicasse em volume a peça extrahida pelo sr. Marcellino Mesquita, para que a todo o tempo se ajuize do seu trabalho, comparando-o com o romance polaco, e colhendo-se d'esse exame ensinamento para tentativas do mesmo genero.

Assistencia nacional aos tuberculosos.

Em 2.º annexo ao relatorio da gerencia de 1899-1900, já por nós noticiado, se publicaram pela respectiva sub-commissão de prophylaxia umas breves *Instrucções populares contra a tuberculose*, que muito convem conhecer, e que em geral a imprensa tem mais ou menos reproduzido. Em 3.º annexo ao mesmo relatorio se publicou pela respectiva commissão de propaganda uma utilissima *Cartilha de preceitos para a defeza da tuberculose*, contendo esclarecimentos tendentes a diminuir a extensão do horrivel flagello. Eis os titulos dos capitulos da cartilha: *O que é a tuberculose — Como se adquire a tuberculose — Como se evita a tuberculose — Como deve ser tratada a tuberculose*. Por este indice se avalia da importancia da doutrina do folheto.

AUGUSTO PEIXOTO

FALLECIDO EM 10 DO CORRENTE

Collezione Iride — *Spezia — Casa editrice della «Iride» — 1900.*

A graciosa revista italiana *Iride*, delicadamente dirigida pelo sr. G. Conrado, á qual nos temos referido por mais de uma vez, já publicou seis voluminhos da sua collecção especial. Temos presentes os dois ultimos, que são a *Storia di una notte d'estate*, de I. M. Palmarini e *L'ecloga di Flora* de Francesco Gaeta, dois livrinhos esmeradamente impressos, em magnifico papel e de elegantissimo formato, offerecidos ao publico pelo modico preço de uma lira cada um.

Entre outros escriptores italianos teem trabalhos seus n'esta collecção A. Albertazzi — *La fortuna di un uomo*, Jolanda — *La Rivincita*, G. Lipparini — *L'elogio delle acque*, E. Bertana — *Arcadia lugubre e preromantica* e *La Paura nei Promessi Sposi*.

De G. Conrado annuncia-se para breve os volumes *I nostri Musicisti* e o estudo critico *Giovani Scrittori Francesi*, sendo este ultimo editado por R. Pellegrini, de Parma.

A *Iride* tambem apresenta algumas edições musicaes para canto.

La Bibbia «dos Jeronymos» e la Bibia di Clemente Sernigi — *Studi comparativi — Prospero Peragallo — Stab. Papini — Genova*, 1901.

Com o infinito amor que dedica ás cousas portuguezas, continua o nosso venerando amigo e erudito investigador rev. Prospero Peragallo — embora afastado na cidade de Genova — a averiguar duvidas e a esclarecel-as com documentos cuja publicação constitue verdadeiro penhor de gratidão que a muito nos obriga.

O presente opusculo insere o contrato feito em Florença pelo mercador da mesma cidade Clemente Sernigi como celebre miniaturista Dante Attavanti, a 23 de abril de 1494, afim de illuminar uma biblia em sete volumes, que parece ser a dos Jeronymos, de Belem, guardada na Torre do Tombo.

N'um interessante *Capitolo Unico*, que precede o documento, faz o nosso querido e respeitavel collaborador lucidos confrontos e claras deducções, estabelecendo a identidade das duas biblias, que parece evidente.

Como n'esse capitulo se rectifica em alguns pontos um dos artigos publicados n'esta revista em 1894 por Esteves Pereira ácerca do formoso manuscripto illuminado, quanto á sua historia interna e externa, a esse nosso antigo collega damos o encargo de mais largamente se referir em artigo especial ao presente folheto.

Comtudo fique n'este logar bem affirmado o muito que ao rev. Peragallo ficamos gratos pela sua offerta, devendo este trabalho merecer de quantos amam a historia artistica de Portugal o mais vivo reconhecimento.